

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO**

LAURA SANTOS TULIUS

**ÁGORA:
Onde todos iam para ouvir**

**São Borja
2023**

LAURA SANTOS TULIUS

**ÁGORA:
Onde todos iam para ouvir**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para aprovação no Componente Curricular “Trabalho de Conclusão de Curso II” e obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja – RS. Orientadora: Prof^a Dr^a Eloísa Joseane da Cunha Klein.

**São Borja
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

T377Á Tulus, Laura Santos
 ÁGORA: Onde todos iam para ouvir / Laura Santos
Tulus.
 54 p.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
 Universidade Federal do Pampa, JORNALISMO, 2023.
 "Orientação: Eloísa Joseane da Cunha Klein".

 1. Documentário. 2. Nativismo. 3. Califórnia da
 Canção Nativa. 4. Uruguaiana. 5. Jornalismo. I.
Título.

LAURA SANTOS TULIUS

ÁGORA:
Onde todos iam para ouvir

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho defendido e aprovado em 31 de Janeiro de 2023.
Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Eloísa Joseane da Cunha Klein. Orientadora
(Unipampa)

Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti
(Unipampa)

Prof. Dr. Leandro Ramires Comassetto
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **LEANDRO RAMIRES COMASSETTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/02/2023, às 15:23, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALEXANDRE ROSSATO AUGUSTI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/02/2023, às 14:49, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ELOISA JOSEANE DA CUNHA KLEIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1043237** e o código CRC **BFC202C2**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que assim como eu guardam com carinho e saudosismo a Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a Deus, que me deu forças e sabedoria para chegar até aqui, e principalmente por ter colocado pessoas especiais nesse longos anos de faculdade;

À minha mãe por ter me ajudado no momento em que mais precisei, sem ela eu não teria conseguido chegar até aqui;

Ao meu pai que durante todo o meu tempo na faculdade esteve presente ao meu lado me apoiando e incentivando a continuar, pelas palavras de carinho que mesmo em momentos não tão agradáveis estava comigo, pelas idas e vindas de Uruguaiana até São Borja para não me deixar passar um final de semana sozinha;

À minha tia Vilma que com certeza tem um papel de suma importância na minha vida;

Aos meus amigos de longa data Fran e Roston, obrigada por estarem sempre presentes e serem meu braço direito;

Aos amigos que a Universidade Federal do Pampa me presenteou, pelos momentos de estudo, pelas fofocas nos intervalos de aulas, pelas saidinhas aos finais de semana, mas principalmente, pela amizade que criamos e levarei sempre comigo;

À Laura do passado, que aos 18 anos saiu da casa dos pais para viver o sonho de estar em uma faculdade. Daquela menina que viveu, apanhou da vida, mas se reergueu mais forte e se tornou uma mulher que pode tudo e que sabe que o mundo é pequeno perto dos sonhos dela;

À vida, por me mostrar que diante da depressão, e as crises de ansiedade, viver é a melhor opção;

A cidade de São Borja, no qual aprendi a gostar e tive a oportunidade de fazer amigos e conhecer pessoas que de alguma forma fizeram a diferença na minha vida;

À Universidade Federal do Pampa, por me proporcionar aprendizados, e experiências tanto na vida profissional, quanto no pessoal;

Aos professores de jornalismo, meu muito obrigado por me fazerem acreditar e principalmente a me apaixonar pelo jornalismo;

Aos meus amigos de Uruguaiana, por acreditarem em mim e estarem sempre ao meu lado;

Aos meus entrevistados que me concederam as entrevistas e acreditaram na criação deste documentário;

Em especial a minha querida orientadora Prof^a. Dr^a. Eloísa Joseane da Cunha Klein, por acreditar no meu potencial e ser a minha referência no jornalismo. E ter aceitado e principalmente confiado nesse documentário. Obrigada professora por ser super dedicada e atenciosa. Obrigada por tudo!

EPIGRAFE

"Construí amigos, enfrentei derrotas, venci obstáculos, bati na porta da vida e disse-lhe: Não tenho medo de vivê-la."

(Augusto Cury)

RESUMO

O presente trabalho é o relatório técnico do documentário “ÁGORA: Onde todos iam para ouvir”, que resgata relatos de fundadores e personagens da criação e execução da Califórnia da Canção Nativa. O documentário trata das memórias afetivas ligadas a lugares e músicas, engloba os objetivos do festival, traz relatos sobre o trabalho envolvido em sua criação e as dificuldades enfrentadas durante a sua trajetória. O documentário tem a preocupação de dar espaço para vozes importantes na história da Califórnia, ouvindo pessoas com idade avançada, cujo relato é importante de ser preservado. Buscamos trabalhar uma temporalidade apropriada à fala marcada pela memória afetiva dos entrevistados, com o manejo respeitoso dos dados obtidos, considerando-se a preciosidade da preservação de relatos que poderiam vir a ser perdidos com o tempo. Com a costura de relatos e vídeos que registraram momentos importantes da Califórnia, o documentário possibilita ao espectador acompanhar a jornada do evento que se tornou a mãe dos festivais nativistas no estado do Rio Grande do Sul. Neste relatório, trazemos a pesquisa bibliográfica usada como base para a realização do documentário, a explanação sobre a pauta, a descrição do processo de produção, realização e edição da reportagem. Na segunda parte do trabalho, utilizamos recortes do documentário para explicar acerca de algumas das características do produto final.

Palavras-chave: Documentário; Uruguaiana; Nativismo; Califórnia da Canção Nativa; Jornalismo.

ABSTRACT

The present work is the technical report of the documentary “ÁGORA: Where everyone went to listen”, which contains accounts of founders and people involved in the creation and execution of "Califórnia da Canção Nativa". The documentary works with affective memories linked to places and music, and encompasses the festival's objectives; also brings reports about the work involved in its creation and the difficulties faced during its trajectory. The documentary is concerned with being a space for important voices in the history of California, listening to people of advanced age, whose story is important to be preserved. We sought to work on an appropriate temporality for the speech marked by the affective memory of the interviewees, with respectful handling of the data obtained, considering the preciousness of preserving reports that could be lost over time. With the montage of reports and videos about important moments in California, the documentary allows the viewer to follow the journey of the event that became the mother of nativist festivals in the state of Rio Grande do Sul. In this report, we bring the bibliographical research used as a basis for the production of the documentary, the explanation about the agenda, and also the description of the processes of production, realization and editing of the report. In the second part of the report, we use clippings from the documentary to explain some of the characteristics of the final product.

Keywords: Documentary; Uruguaiana; Nativism; Califórnia da Canção Nativa; Journalism.

Lista de figuras

- Figura 1:** 1º Califórnia da Canção Nativa/ 1971 (Ricardo Duarte, Cecilia Machado, Júlio Machado e Colmar Duarte) Foto: Arquivo pessoal.....42
- Figura 2:** Telmo de Lima Freitas na Cidade de Lona. Foto: Arquivo pessoal.....42
- Figura 3:** 7º Califórnia da Canção Nativa (Tertúlia com Leomar Kilian nas cantorias) Foto: Arquivo pessoal.....42
- Figura 4:** 9º Califórnia da Canção Nativa Antigo Cine Pampa em Uruguaiana. Foto: Arquivo pessoal.....42
- Figura 5:** Dr. Henrique Dias de Freitas Lima. Foto: Agripina de Quite.....43
- Figura 6:** Paixao Cortes. Foto: Rogério Bastos.....43
- Figura 7:** Paixao Cortes no seu programa de rádio. Foto: Rogério Bastos.....43
- Figura 8:** Vereador e Prefeito Ronnie Mello na 43ª Califórnia da Canção Nativa. Foto: Youtube.....43
- Figura 9:** Cidade de Lona. Foto: Museu Estaleiro Martimiano Benites.....43
- Figura 10:** Cidade de Lona. Foto: Museu Estaleiro Martimiano Benites.....43

Lista de Abreviaturas e Siglas

Centro de Tradições Gaúchas – CTG

Califórnia da Canção Nativa – Califórnia

Ordem dos Músicos do Brasil – OMB

Parque de Associação Rural – Pastoril

Teatro Municipal Rosalina Pandolfo Lisboa –Teatro

Vinil – LP

Lista de tabelas

Tabela 1: Premiação.....	16
Tabela 2: Participantes e sua finalidade no festival.....	37

SUMÁRIO

Introdução	15
1. História da Califórnia da Canção Nativa	17
1.1 Contexto do festival no RS	17
1.2 Os Marupiaras: grupo de músicos que fundou a Califórnia	18
1.3 O surgimento e a proposta da Califórnia da Canção Gaúcha	19
1.4 Califórnia: Cidade de Lona	21
1.5 Califórnia: A calhandra de Ouro	22
1.6 As linhas classificatórias	23
2. Jornalismo e documentário	25
2.1 Conceito e proposta de um documentário	25
2.2 Técnicas de reportagem para documentário	27
3. Descrição técnica do projeto experimental	30
3.1 Pré-Produção	30
3.2 Produção	35
3.3 Roteiro de entrevista e gravação	36
3.3.1 Roteiro básico de entrevista	37
3.4 Pós- produção	40
3.5 Locais de gravação	41
3.6 Imagens e produção audiovisual	41
3.7 Estrutura do documentário	43
3.7.1 Escolha do tema	44
3.7.2 Abertura	44
3.7.3 Divisão de eixos narrativos e ganchos da reportagem	44
3.7.4 Gravação, custos e suporte técnico	45
3.8 Documentários utilizados como referência para organização estilística da reportagem	45
3.8.1 Organização do documentário	46
4. Considerações finais	49
Referências	51

Introdução

Este projeto experimental trata da construção de um documentário sobre a história da Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, retratando pontos desconhecidos dos telespectadores, mostrando e dando voz a pessoas que vivenciaram de perto o festival.

O objetivo principal deste projeto é registrar a memória afetiva dos fundadores e também de pessoas que colaboraram para tornar o festival uma marca na canção riograndense. Como objetivos específicos temos resguardar a memória de pessoas idosas, que participaram da fundação da Califórnia, também entrevistar quem participou como músico, compositor, cantor, jornalista, presidentes do festival e o seu idealizador; mostrando os pontos curiosos e importantes que marcaram a história da Califórnia. Também tivemos como objetivos específicos buscar uma produção de documentário que utilize uma linguagem didática e acessível, transmitindo clareza nas informações, em um formato de conversa e, por fim, buscamos criar um roteiro que trabalhe um sentimento de comoção ao espectador, com ênfase a momentos de nostalgia.

Este documentário sintetiza a grande importância que este festival tem para o município, a paixão pela música nativista do Rio Grande do Sul e por essa cultura. O apego à história do festival e a cultura que representa estão preservados através de relatos emocionados, que falam das lutas envolvidas na criação de um festival que se tornou referência no estado do Rio Grande do Sul.

Um dos grandes marcos regionais e municipais, a *Califórnia da Canção Nativa* de Uruguaiana, chegou aos 50 anos em 2022, marcando a história de grandes gêneros do movimento que revolucionou o cenário da música gaúcha. O principal eixo narrativo da primeira parte do documentário centra-se na recuperação do ponto de vista do idealizador e fundador da Califórnia, a partir daí delineando aspectos sobre como ocorreu a organização do festival e qual era seu intuito principal. Essa perspectiva se justifica pelo fato de que, com o passar dos anos, muitas histórias e versões diferentes passaram a ser contadas, muitas vezes com imprecisões. Neste projeto, buscamos trazer informações verificadas e checadas com as fontes que de fato estiveram presentes na *Califórnia da Canção Nativa*. Esta narrativa é buscada a partir de escolhas editoriais da autora do trabalho, guiando-se pela construção autoral do documentário.

Para a realização do documentário, contamos com a colaboração de uma empresa de produção audiovisual, uma vez que não se pode fazer um projeto audiovisual com uma única pessoa. A aluna autora do documentário atuou na pesquisa, geração a pauta, escolha dos entrevistados, escrita do roteiro de entrevista, realização e condução das entrevistas, decupagem e direção do estilo narrativo e de edição. A captação de imagens e som e a parte técnica da edição final foram conduzidas pela empresa parceira, que disponibilizou câmeras, microfones e computadores com capacidade de efetuar a edição de tantas horas de material gravado.

A estrutura do documentário baseia-se em outros produtos do mesmo gênero que tratam de memória histórica. Esse tipo de produto tem a especificidade de ter uma duração estendida em comparação a documentários factuais, uma vez que a fala sobre a memória histórica requer tempo de elaboração do pensamento pelo entrevistado, bem como reserva momentos de emoção, que precisam ser preservados. O documentário contém seis blocos. No primeiro, acontece um resumo geral, no fundo o idealizador e as imagens por onde a *Califórnia da Canção Nativa* passou. Dando seguimento, em um próximo momento, entramos com um áudio histórico, que introduz *Os Marupiaras*, grupo envolvido na fundação do festival. Na sequência, temos a participação do Francisco Alves contando um pouco do festival, que acabou desclassificado os *Marupiaras*. Em um próximo bloco, o entrevistado principal e idealizador do festival, Colmar Duarte, conta a história do festival, e Darci de Almeida complementa este relato.

Em outro bloco, o documentário traz a história de como era a tão conhecida Cidade de Lona, lembrada pelos relatos de seu primeiro prefeito e por uma pessoa que era assíduo frequentador do espaço; ambos falam sobre a vivência do festival naquele ambiente. Na sequência, o documentário trata das “linhas da Califórnia”, que marcaram o tipo de tema das canções. Também trata da presença da voz feminina, bem como relatos sobre como é subir naquele palco e como a *Califórnia da Canção Nativa* é importante para os músicos. No bloco final, trazemos o idealizador do festival novamente, agora entrevistado no local onde tudo começou, no teatro da cidade. O fundador do festival recita um verso e o documentário se encerra, com a continuação do áudio da apresentação dos *Marupiaras* na rádio.

Neste relatório, tratamos teoricamente sobre a história do festival abordado pelo documentário. No segundo item, desenvolvemos uma síntese sobre as

escolhas efetuadas para a produção do documentário. No terceiro item, tratamos sobre as características da produção audiovisual, da realização de entrevistas e edição do conteúdo. Finalmente, analisamos detalhes do produto final para melhor compreensão das escolhas efetuadas.

1. História da Califórnia da Canção Nativa

Neste item, faremos uma síntese histórica sobre como ergueu-se o festival e os principais que surgiram com a criação da *Califórnia da Canção Nativa* e como esse festival foi de grande importância para a música nativista do Rio Grande do Sul. Este item serve como suporte para a compreensão do documentário. Salientamos que foram usadas entrevistas presentes no documentário para a construção deste item. A escolha de trazer as entrevistas para o relatório deve-se ao fato de que este documento serve como registro escrito, que poderá ser acessado por outras pessoas que venham a se interessar pelo tema.

1.1 Contexto do festival no RS

A *Califórnia da Canção Nativa*¹ teve seu início em 1971. Fundado por Colmar Duarte, o festival reúne as mais diversas variações musicais e cantos regionalistas do Rio Grande do Sul. No seu início, ainda discreto, a *Califórnia* era realizada no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Sinuelo do Pago, que com o passar do tempo tornou-se uma grande “fábrica” de talentos. Neste período, passaram pelos palcos do evento diversos cantores conhecidos, apresentando as mais variadas músicas nativistas, que tornaram-se ícones de grande importância para o estado.

A *Califórnia da Canção Nativa* completou sua 44ª edição em 2022, apresentando-se um marco regional de suma importância para a cidade de Uruguaiana-RS, retratando diversas melodias e canções em seus festivais. Nesses 50 anos de festival, as temáticas dominantes nos meios tradicionalistas costumam exaltar prioritariamente o estilo da vida campeira, o trabalho e a memória de eventos e histórias da sociedade riograndense. Com o passar do tempo, o festival tornou-se palco para grandes artistas da música nativista, dentre os quais estão algumas das principais músicas que atualmente são lembradas com carinho pelo público, passadas de geração para geração.

O festival nativista possui como prêmio para a melhor canção apresentada o troféu “*Calhandra de Ouro*”, que tornou-se objeto de desejo dos artistas concorrentes. O prêmio é representado por um pássaro que simboliza a autenticidade, a elegância, a humildade e a liberdade, por não suportar o cativo.

¹ Califórnia vem do grego - Conjunto de coisas belas.

As músicas, “GURI”, “Esquilador” e “Veterano”, de César Passarinho, Telson de Lima Freitas e Leopoldo Rassier, respectivamente, são alguns dos grandes sucessos que nasceram no palco do festival, assim como tantas outras que fazem parte da vida de muitas pessoas que acompanham esse festival de perto.

1.2 Os Marupiaras: grupo de músicos que fundou a Califórnia

Na cidade de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, a trajetória da *Califórnia da Canção Nativista*, iniciou-se em meados de 1970, pela emissora de rádio AM, promovendo o 1º Festival da Canção Popular da Fronteira, com a participação de vários grupos nativistas, dentre os quais esteve presente os cantores do *Grupo Marupiaras*, Comal Duarte e Júlio Machado da Silva, que inscreveram a canção “Abichornado”, na melodia de milonga e para sua interpretação formaram um quarteto junto de Tasso de Aymone Lopes e Ricardo Pereira Duarte.

No mesmo ano, em 1970, os quatro jovens participavam de um concurso com a música “Abichornado” do *Grupo Marupiaras*, vencendo o 1º Festival Artístico - Cultural Tradicionalista, promovido pelo CTG Poncho Verde em Santa Maria - RS. O Grupo Marupiaras participou do evento em seis modalidades diferentes, das quais retornaram com cinco premiações:

Tabela 1: Premiação

PREMIAÇÃO	GANHADORES
1º Lugar em fotografia “ Nandu em guarda”	Colmar Duarte
1º Lugar composição música (Abichornado)	Júlio Machado da Silva Filho e Colmar Duarte
2º Lugar desenho “Tropeando”	Ricardo Duarte
2º Lugar conto “Carreirada”	Colmar Duarte
2º Lugar poesia “Coisas de Velho”	Colmar Duarte
3º Lugar declamação	Tasso César Lopes.

Fonte: Autora, 2023.

A partir desse dia, o criador da *Califórnia da Canção Nativa*, Colmar Duarte, passou a planejar outro festival com ideias novas e que aceitasse somente canções que buscasse “valorizar o que fosse culturalmente representativo do que se entendia como nosso” (DUARTE, 2001, p. 14), mostrando a cultura regional e revelando o amor tradicionalista nas letras das milongas.

1.3 O surgimento e a proposta da Califórnia da Canção Gaúcha

Em 1971, Duarte foi eleito presidente do CTG Sinuelo do Pago, e começou a idealizar o projeto do festival que viria a ser a Primeira *Califórnia da Canção Nativa* do Rio Grande do Sul, realizada na cidade de Uruguaiana.

Segundo Comal Duarte, *Califórnia* é um termo que:

Vem do grego, “significa conjunto de coisas belas”. No RS, chamaram-se 'califórnia' as incursões que Chico Pedro fazia, na Cisplatina, a fim de resgatar os bens de brasileiros lá radicados que sofriam perseguições (1850). Mais tarde, 'califórnia' passou a designar corrida de cavalos da qual sempre participavam mais de dois animais. Com as significações de 'conjunto de coisas belas' e 'competição entre vários concorrentes em busca de grandes prêmios' foi que o nome CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA prevaleceu entre seus idealizadores (DUARTE, 2001).

(Duarte, 2001) reafirmou que o nascimento da *Califórnia* está ligado também a uma tentativa de buscar as manifestações regionais, trazendo o confronto ideológico desde a sua formação, buscando uma qualificação e procurando elevar um patamar de esforço e incentivo de trazer artistas e compositores do estado do Rio Grande do Sul, que quisessem expressar o amor a tradição.

Era preciso romper com a estética da “grossura”, o caráter popular da música gaúcha. Já na primeira edição do festival, o jornal *impresso Zero Hora* de Porto Alegre descreve que

Na edição do dia 28 de dezembro daquele ano destacou: 'o ineditismo da promoção fez com que se fugisse do nome comum dos festivais. Em cada composição estava presente a alegria e a simplicidade dos usos e costumes do Rio Grande do Sul, ao som da música nativa do gaúcho. As boas composições e excelentes interpretações tornaram difícil o trabalho da Comissão Julgadora' (DUARTE, 2001, p. 111).

O maior impasse encontrado no festival foi em relação ao nome sugerido por Colmar, que afirma a demora de algum tempo para que os envolvidos aceitassem o

termo usado “*Califórnia*”, pois poderia causar estranheza, pois era algo visto apenas na América.

(Duarte, 2001) conta que a resistência maior vinha de Henrique Dias de Freitas Lima, que era vice-presidente do CTG Sinuelo do Pago e presidente oficial da 1ª edição da *Califórnia da Canção Nativa*, a convite de Colmar. Henrique Dias estava convencido de que era um nome estrangeiro e que tinha que ser algo daqui, porém Colmar explicou que a *Califórnia* era um nome advindo da região. Próximo de seu lançamento oficial, o presidente entendeu o termo como o mais adequado e então a diretoria cedeu.

A primeira edição da *Califórnia da Canção Nativa* foi organizada pelo presidente Henrique Dias de Freitas Lima, Celestino Vieira Faria (tesoureiro) e Moacyr Ramos Martins (secretário executivo), a ser realizada no Cine Pampa, em frente à praça XV de Novembro, onde hoje é situado o Teatro Municipal Rosalina Pandolfo Lisboa. O local possuía capacidade para 1.300 lugares, mas recebeu pouco menos de cem pessoas em sua primeira noite. Com o tempo, o evento foi pegando forças e aos poucos atraiu o público de todo o estado.

Em fevereiro de 1971, na abertura oficial do evento, houve inscrições em dois locais: Uruguaiana e Porto Alegre, na sede gaúcha da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), no qual Paixão Côrtes era presidente. Colmar Duarte relata que as inscrições das canções no festival foram poucas e que, passando pela metade do tempo, poderiam ser “contadas nos dedos” .

Na mesma semana, Paixão Côrtes motivou os *Marupiaras* a inscreverem três canções no festival: *Mãe Negra*, *Tropeando* e *Reflexão*, com a intenção de ter um maior número de inscritos, para que houvesse maior divulgação e para ampliar as notícias sobre o festival, fazendo uma jogada de incentivo ao público ouvinte e participante do evento.

Paixão me ligou e perguntou como estavam as inscrições aqui, eu disse que eram poucas ainda. Aí ele me disse ‘mas tchê, te licencia da patronagem do CTG e inscreve umas músicas de vocês aí, nem que seja pra eu dizer aqui no meu programa que tem gente se inscrevendo.’ Aí eu me inscrevi, né? (DUARTE, 2001).

Com o incentivo de Paixão Côrtes, semanas depois o festival passou de cem inscritos, dando um fôlego e uma animação a mais. A sede da OMB, na capital gaúcha, além de gravar as canções inscritas, também escrevia a partitura,

exigência do regulamento, processo que mais tarde viabilizou a gravação do primeiro disco fabricado em vinil (LP) oficial da *Califórnia da Canção Nativa*.

Com a primeira edição do festival realizado entre os dias 8 a 10 e 17 a 19 de dezembro de 1971, o primeiro grupo a subir no palco foi o grupo “Os Angüeras”, interpretando a canção “Andarengo”, com letra do poeta Apparício Silva Rillo e música de José Bicca.

No mesmo ano do primeiro festival, Comar Duarte acabou se retirando da presidência do CTG Sinuelo do Pago, para inscrever-se na competição com a música “Reflexo”, apresentada para um público reduzido, vencendo a primeira edição do festival, com o grupo Marupiaras, vindo a ser o primeiro grupo a ganhar o troféu *Calhandra de Ouro*.

Já na segunda edição do festival, o evento aconteceu em um único final de semana, tradição mantida até os dias atuais. Naquele ano, foram noventa músicas inscritas, tendo como ganhadora a música “Pedro Guará”, interpretada pelo grupo “Os Tapes”. Colmar Duarte relata que

A premiação dobrou seu valor e foram destacadas as quatro melhores canções, em vez de três, como na edição anterior. A partir daí o festival foi realizado em uma só etapa, com três eliminatórias e uma final. Eram escolhidas cinco finalistas a cada noite, das quais doze compuseram o disco (DUARTE, 2001, p. 112).

Com o passar do tempo e com o aumento dos participantes e do seu público vindo de diversos lugares do Rio Grande do Sul, o evento precisou ser transferido de local, passando a ser realizado no Parque da Associação Rural (PASTORIL) da cidade de Uruguaiana. Essa mudança de local da realização do evento se deu pelo fato de que no parque PASTORIL havia um espaço maior para que os participantes pudessem montar suas barracas. Essa prática ficou conhecida como “Cidade de Lona” .

1.4 A Cidade de Lona

Após a primeira edição da *Califórnia da Canção Nativa* e reconhecida a sua aceitação, no ano seguinte, em 1972, um pequeno grupo que participaria de uma aventura foi conhecer o *festival de Cosquín*, que era realizado na Província de Córdoba na Argentina, onde puderam conhecer, às margens do Rio Cosquín, suas barracas e um grande acampamento que era denominado “Carpas”, local esse que

acomodava, em sua maioria, os participantes e visitantes. Com base neste modelo, criou-se a “*cidade de lona*”, local esse que era conhecido como uma cidade de verdade, que tinha seu prefeito, suas regras de convivência. Na Cidade de Lona eram realizadas apresentações de artistas concorrentes e convidados após o festival. O evento era oferecido de graça para a população que estava acampando ou apenas a passeio no local.

Junto à Cidade de Lona, nascia as atrações capazes de oferecer entretenimento e cultura durante os dias de festival, como: “Mostra de Arte”, “Feira de Artesanato” e os “Debates sobre assuntos folclóricos”. Estas atrações levavam a cidade de Uruguaiiana renomados intelectuais, e artistas das mais diversas áreas, tornando a *Califórnia da Canção Nativa* referência para aqueles que se interessassem pela cultura riograndense.

Com o tempo, tornou-se hábito nas ocasiões de abertura da *Califórnia*, em cerimônia com a participação das autoridades locais em que o Prefeito faz a entrega simbólica das chaves da *Cidade de Lona* para o responsável.

1.5 A calhandra de Ouro

O troféu *Calhandra de Ouro*, entregue para a canção destaque do festival, tornou-se objeto de desejo dos artistas que concorrem. O troféu é representado por um pássaro típico do bioma Pampa, no qual a cidade que Uruguaiiana está inserida, simbolizando a vida campeira. A ave símbolo do evento imita o canto de outros pássaros. A ave também simboliza a autenticidade, a elegância, a humildade e a liberdade, por não suportar viver em cativeiro e lutar contra aves invasoras que apresentam perigo, defendendo seu ninho. Também é símbolo de amizade, pois não teme o homem e se aproxima com facilidade das casas de estância.

Ave canora do Rio Grande, semelhante a uma cotovia, de belíssimo canto, mas não suporta o cativeiro. Precisa de liberdade para viver e espalhar o seu canto pelas manhãs do sul. O gaúcho se identifica com essa calhandra. Gosta da liberdade, não se prende às coisas que comumente atraem o homem da cidade. Ele busca estrada, busca horizonte (DUARTE, 2001. p. 30).

O troféu esculpido em ouro, elaborado pelo artista Paulo Ruschel, é concedido para o vencedor da competição, a qual toma posse do troféu original até

a edição seguinte, em que o prêmio é entregue ao próximo vencedor. O vencedor da edição passada retorna com uma réplica do troféu original.

Entretanto, se houver um participante que ganhe três edições consecutivas ou cinco edições alternadas do festival, lhe é concedido o direito de levar o troféu original para casa, feito que até hoje ninguém conseguiu.

1.6 As linhas classificatórias

Colmar Duarte conta que nas primeiras edições do festival não havia restrição de temática ou arranjo, contanto que as letras cantassem o Rio Grande do Sul. Porém, em 1974 o grupo musical Pentagrama trouxe a música Coto de vela, sobre o Negrinho do Pastoreio. No ano anterior (1973), Cobra Luz trouxe uma música sobre a lenda do Boitatá, mas suas letras e arranjos eram muito modernos para a época e por isso eram vaiados em suas apresentações.

“O público não entendia que aquilo fosse música do Rio Grande” – ressalta, “Aí eu resolvi, então, dividir as músicas em três linhas. Dessa forma, em 1975, surgiram as três linhas de apresentação da *Califórnia da Canção Nativa*, as músicas e milongas eram enquadradas pela comissão da pré seleção, nas linhas temáticas do evento”. As linhas eram:

Linha Campeira, “a que se identifica com o homem, o meio, os usos e costumes do campo do Rio Grande do Sul, as músicas que cantam o homem do campo e a vida bruta. Um bom exemplo da linha campeira é a composição de Jader Moreci Teixeira Leandro chamada Tertúlia, que conta sobre a prática desta forma livre de rima e poesia, um instrumento de lazer para o homem do campo, nas épocas em que a televisão e o rádio eram artigos de luxo, um sonho distante. II: Linha de Manifestação Rio-grandense, que enfoca outros aspectos sócio-culturais e geográficos do Rio Grande do Sul, não limitados estritamente à linha Campeira, não se limitando apenas à vida do homem no campo, e nem ao tradicional, um exemplo é fazer uso de arranjos mais complexos com instrumentos que não são comuns à música campeira (piano, violino, etc). Na 16ª edição da Califórnia a música Provinciano, de Mário Eleú Silva e Mário Barros, foi a vencedora na linha de manifestação riograndense. A composição conta o amor do gaúcho pelo Rio Grande do Sul e seu apeço pelo sossego da vida interiorana.

III: Linha de Projeção Folclórica, já aqui o foco está voltado para o sentido de universalidade artística, em termos de tratamento poético-musical (COLMAR, *in* TULIUS, 2022, vídeo).

Essa mudança foi muito importante para que o festival pudesse sobreviver às novas regras, mantendo um espaço para cada expressão poética que não se

destacasse apenas na figura do gaúcho, mas abrindo espaço para os poemas do cotidiano em geral.

As canções feitas no Rio Grande do Sul tomariam um rumo muito mais claro após a mudança no festival, separando as trovas e milongas por tema acabou direcionando a criação poética dos compositores e artistas de todo o Estado.

Com o passar do tempo, o festival triunfava uma maior popularidade em muitas cidades do estado, que acabavam se inspirando no evento. Já na metade da década de 1980, a *Califórnia* se encontrava no seu primor, com boas vendas de discos, grande cobertura jornalística. Naquela década, o festival premiou canções que se tornaram verdadeiras referências na música gaúcha, como “*Guri*”, que foi interpretada por César Passarinho e venceu em 1983; “*Não podemo se entregá pros home*”, interpretada por Leopoldo Rassier, vencedora em 1982; “*Desgarrados*” composta e interpretada por Mário Barbará, que venceu em 1981, e tantas outras que marcam até hoje a música gaúcha.

2. Jornalismo e Documentário

Neste item, abordamos uma síntese teórica sobre documentário e técnicas jornalísticas adequadas para este gênero.

2.1 Conceito e proposta de um documentário

A proposta do documentário tem em vista resgatar emblemáticos temas que marcaram a *Califórnia da Canção Nativa* neste período de cinco décadas, destacando relatos sobre sua história, informações sobre seu início (pouco conhecido) e análises acerca de como se tornou um festival de renome. Conforme Nichols (2009), os documentários são uma excelente ferramenta para estimular o interesse de um público a um determinado assunto de importância histórica e coletiva.

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2009, p. 35).

Já para Mello (2002, p. 1) “o documentário é um gênero com características particulares, e são essas características que nos fazem apreendê-lo como tal”. Independentemente do tema proposto, um documentário é capaz de transmitir e identificar qualquer que seja o assunto abordado, dando ênfase em que:

os telejornais e documentários deveriam ser o reino dos discursos sobre o real, enquanto as telenovelas e seriados, o lugar da ficção. Entretanto, esses gêneros além de não serem puros no modo como narrativamente constroem suas representações (RONDELLI, 1968, p. 152).

O documentário audiovisual ganha um lugar de grande importância, pois tem a capacidade de preservar relatos sobre um momento da realidade vivido por uma sociedade. O documentário possibilita o encontro dos entrevistados com sua própria história, dada sua temporalidade estendida, que permite que as pessoas reflitam sobre suas próprias experiências de vida e sobre suas atividades e realidade social.

Um documentário audiovisual jornalístico lida com aspectos da realidade social, o que significa que trabalha com base em aspectos não imaginários, possibilitando desenvolver temas mais corriqueiros do cotidianos, ou temas melancólicos, que retratam sentimentos. João Moreira Salles, ao ser entrevistado pelo Jornal Folha de São Paulo, em 2001, relata que:

Um documentário ou é autoral ou não é nada. Ninguém pode confundir um filme de Flaherty com um filme de Joris Ivens. Isso acontece porque Flaherty vê a realidade de forma inteiramente diferente de Ivens. A autoria é uma construção singular da realidade. Logo, é uma visão que me interessa porque nunca será a minha, é exatamente isso que espero de qualquer bom documentário: não apenas fatos, mas o acesso a outra maneira de ver (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001).

Por causa de sua característica autoral, o documentário nos dá diferentes argumentos, histórias ou descrições que abrem um espaço grande de reflexão sobre qualquer assunto tratado. Por fim, todo o documentário audiovisual jornalístico nos leva a buscar o máximo de informações sobre determinado tema, nos levando a busca de informações, entrevistas, com uma narração, captação de imagens que ilustram o que queremos mostrar, com uma diversidade de ângulos sobre o assunto principal.

Para Melo, Gomes e Moraes (2001, p. 6) “o documentarista procura ser fiel a um só tempo à sua verdade e à verdade dos personagens e situações filmadas”, trazendo a verdade em tons de leveza no olhar dos entrevistados, sem que se torne algo cansativo, mas que sim atraia o telespectador a se interessar pelo assunto trabalhado. O jornalista quando escolhe trabalhar com um documentário tem a obrigação de mostrar a realidade, sendo objetivo na sua linha de pesquisa, tramando uma linha de raciocínio adequada, para ter sucesso na sua execução final do produto trabalhado.

Segundo SEIXAS (2003, p. 166) a

memória e esquecimento devem ser lidas como linguagens simbólicas, portanto, carregadas de afetividade, seja positiva ou negativa, possibilitando que o passado seja não somente reconhecido, mas também construído sempre com uma perspectiva para o futuro.

O documentário que trabalha com a memória histórica tem o intuito de relembrar o passado como uma maneira de reviver como algo vivo e atual, podendo

contribuir para a descrição de situações vividas. Já para Tomaim (2009, p. 58), o documentário tem o poder de nos levar de volta ao passado. O documentário pode “permitir ao outro rememorar ou reler o seu passado, os seus traumas, as suas experiências. Em outras palavras, constituindo-se como um lugar afetivo da memória”. Portanto, podemos afirmar que o documentário é a chave para trazer à tona as lembranças mais marcantes, aqueles momentos que carregamos mais intensos de nossas vidas.

O autor Pinto (1998, p. 307) afirma que “a memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado”. Ao produzir e montar um documentário, o autor vai guiando a possibilidade das fontes reviverem o seu passado, a memória infinitamente rica e pode reacender certas emoções. Com isso, pode-se levar ao público a simplicidade de compreender o que está sendo recordado.

2.2 Técnicas de reportagem para documentário

Diferente da notícia, que faz parte do dia-a-dia do jornalista, a reportagem traz detalhes explícitos, já que para ser produzida demanda mais tempo. A reportagem é considerada o grande momento da informação, no qual o jornalista pode usar todas as ferramentas possíveis para fazer a sua complementação. Para Sodré e Ferrari (1986), o tempo da notícia é determinante para a disseminação do fato, já o da reportagem tem a finalidade de contar os bastidores por trás da história, expor uma situação e interpretar fatos.

Fator determinante para a circulação de uma notícia é o tempo: o fato deve ser recente e o anúncio do fato, imediato. Este é um dos principais elementos de distinção entre a notícia e outras modalidades de informações. Aqui, talvez, um aspecto importante ao diferenciar notícia de reportagem: a questão da atualidade. Embora a reportagem não prescindia de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja predominantemente informativo. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18).

Diante dos fatos abordados, os autores relatam a importância crescente dos fatos, quanto a um assunto polêmico, ou até mesmo acontecimentos de anos atrás que podem ser temas abordados em uma grande reportagem.

Um fato importante acontecido há cinco ou dez anos poderá ser 'comemorado' por uma reportagem, que reproduz em casos que tenham despertado, na época, um interesse expressivo e mantenham ainda certas condições de curiosidade ou importância histórica, como por exemplo a morte do presidente Kennedy (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18).

A rememoração através do documentário leva em conta o fato de que a Califórnia da Canção Nativa é um assunto especial para o estado e é de grande importância para a cultura do município de Uruguaiana. O festival desperta certa curiosidade e lembranças boas do início de suas atividades. Estas características qualificam a realização de uma grande reportagem, na forma de um documentário, comemorando e rememorando a história do festival.

A reportagem, além de se diferenciar das notícias do cotidiano, precisa de muito mais tempo e pesquisa para ser elaborada e publicada. Para os autores Sodré e Ferrari (1986), a reportagem é:

[...] onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. Este laço obrigatório com a informação objetiva em dizer que, qualquer que seja a reportagem (interpretativa, especial, etc.), impõe-se ao redator o “estilo direto puro”, isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 9)

Para a produção de uma grande reportagem, sabemos que o jornalista precisa estar disposto a fazer uma grande pesquisa de campo sobre o assunto que está sendo abordado. E, por isso, é pouco visto em veículos de comunicação, por se tratar de reportagens especiais e levarem um amplo tempo para a sua produção.

A chamada grande reportagem está desaparecendo dos nossos jornais. Além de custar muito caro na fase de produção, estas matérias ocupam muito espaço, um espaço redacional cada vez mais rarefeito em todos os grandes jornais. E há cada vez menos repórteres dispostos a encarar o desafio de entrar de cabeça num assunto, escrever tudo o mais para, no fim, ter o prazer de contar uma boa história. A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras mais sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romance, de entrega, de amor pelo ofício. (KOTSCHO, 2005, p. 71)

Diante desses fatos apresentados, é possível afirmar que a reportagem precisa de riqueza de detalhes, um contato profundo com as fontes, disposto a ir a

fundo no tema escolhido, fazer uma boa pesquisa de campo e entrevistar o máximo de pessoas.

A prática jornalística necessita das fontes para a produção diária das informações que alimentam o fluxo das palavras, sons e imagens em todas as mídias. Como estas podem ser documentais e pessoais, há de se considerar a importância deste último elemento para esta rotina profissional. (MAIA, 2010, p. 215-216)

A forma narrativa auxilia na preservação de detalhes de ações, falas e lugares. Os pesquisadores Sodré e Ferrari (1986, p.15) sintetizam o discurso das técnicas de produção de reportagem, sendo elas “a) predominância da forma narrativa; b) humanização do relato; c) texto de natureza impressionista e, d) objetividade dos fatos narrados”. Tais técnicas são implementadas com o intuito de mostrar aspectos da realidade, trazendo as fontes principais, quando o jornalista atua como mediador.

3. Descrição Técnica do Projeto Experimental

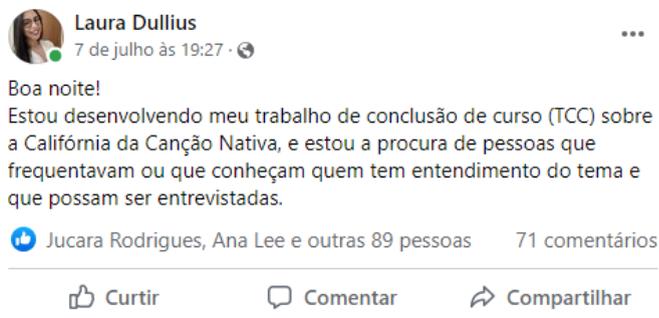
Durante a elaboração deste item são apresentadas as principais características que foram desenvolvidas no projeto, com foco nas suas principais etapas, desde a escolha da pauta, a pré-produção, os roteiros de entrevistas, até os locais de gravação, a montagem e a edição.

3.1 Pré-Produção

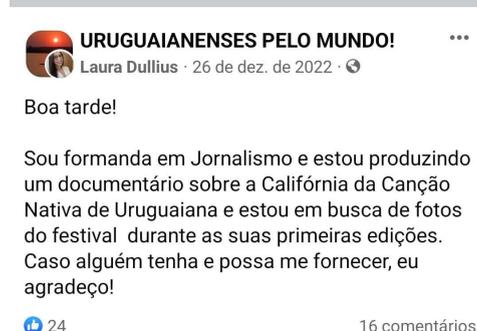
Este projeto iniciou-se previamente através da identificação do tema. Logo após, a realização de uma pequena pesquisa documental, verifiquei que já havia em algumas plataformas assuntos ligados ao tema, sejam elas reportagens, notícias, audiovisuais ou impressas. E por se tratar de um assunto de grande importância para a população da cidade de Uruguiana, foi tomado muito cuidado durante a sua produção por reunir já algumas versões diferentes da sua história e fundação. A autora do trabalho escolheu uma linha narrativa baseada no relato de Colmar Duarte, que foi o idealizador e principal fundador do festival – o que possibilita uma aproximação a uma história coerente com os fatos da época. Mas, antes de qualquer entrevista, foi realizada uma extensa pesquisa sobre o assunto, para que soubéssemos quais perguntas direcionar a cada entrevistado e de qual forma lidar com os entrevistados. Pelo fato de alguns dos entrevistados terem uma idade avançada, o documentário acabou tomando um formato sensível, melancólico, levando aos entrevistados a reviver a época da origem da *Califórnia da Canção Nativa*.

Durante o processo também foi utilizado as redes sociais, *Facebook* e *Instagram*, por ser uma grande e rápida ferramenta para a descoberta de possíveis fontes. Por meio delas, foram encontrados familiares, pessoas que frequentavam o festival, cantores e o idealizador. Com base nisso, foi criada uma lista com os principais entrevistados e, depois disso, foi formalizado um primeiro contato com eles. Destacando que durante o primeiro contato, e exposto o assunto, algumas fontes recusaram-se a responder.

Imagens das postagens realizadas pela rede social facebook:



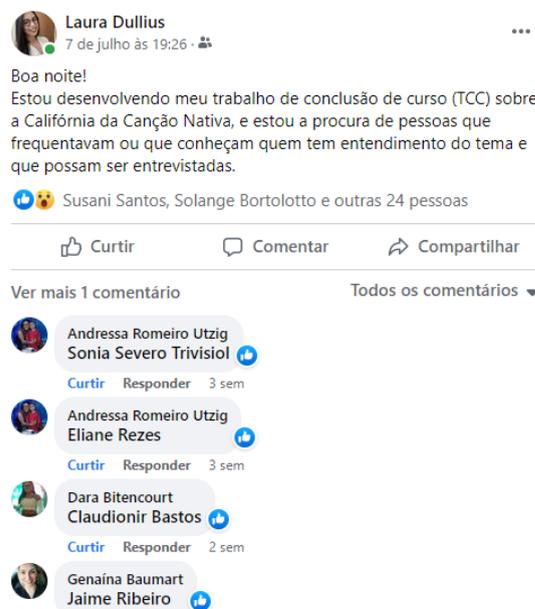
Post inicial para procura das fontes



Post realizado para a procura de fotos do festival.

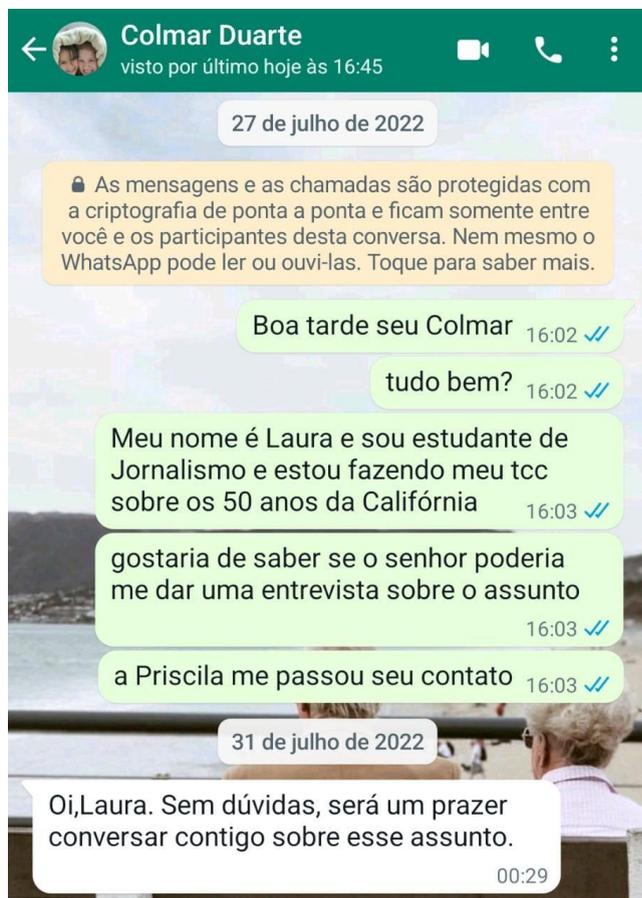


Alguns dos comentários recebidos no primeiro post



Post publicado no facebook particular e alguns dos comentários recebidos

Imagens do contato pelas mídias sociais com algumas fontes:



Primeiro contato com o idealizador do festival



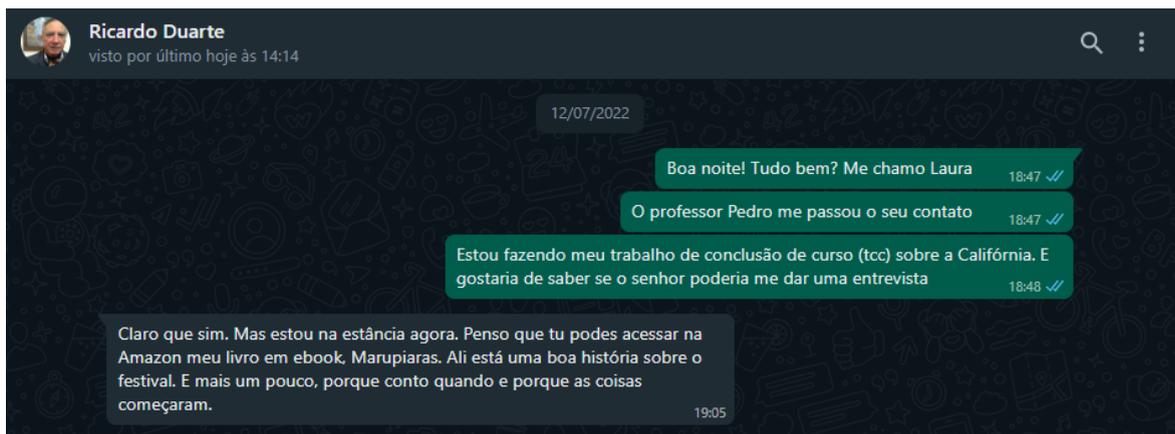
Primeiro contato com o cantor



Primeiro contato com Francisco Alves, músico e conhecedor do festival



Primeiro contato com Lourival Araújo, presidente do festival em algumas edições



Primeiro e único contato com o segundo idealizador do festival. Após esse contato não tivemos mais resposta

Durante as conversas e ao gravarmos as entrevistas, adotamos um roteiro de perguntas, porém mantendo o caráter de entrevista aberta, possibilitando mudanças ao longo do trabalho. A medida em que as entrevistas estavam sendo realizadas,

mais descobertas e informações surgiam. Estas descobertas fizeram com que as perguntas que já haviam sido elaboradas fossem mudadas, surgindo outros questionamentos durante as entrevistas. No início, a proposta era realizar entrevistas com poucas pessoas, aproximadamente cinco pessoas, mas com o passar do tempo, foi incluído uma cantora que participa do festival, pois foi percebido que durante a elaboração do projeto apenas homens faziam parte, e não tinha a voz feminina, que também fizeram e fazem parte da *Califórnia da Canção Nativa*. É importante ressaltar que até o dia do fechamento do documentário seguimos entrando em contato com algumas fontes.

A produção desse documentário audiovisual começa desde a escolha do tema, no qual para Peccini (2010, p. 16) este ponto é fundamental para o sucesso do documentário, afirmando que “o processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário”. Por isso, escolhemos um tema que tem grande repercussão no município de Uruguiana e do estado do Rio Grande do Sul.

Além das informações que sabemos sobre o assunto é essencial ir mais além, mostrando o outro lado que poucas pessoas falam e conhecem, segundo Puccini (2022, p. 11) “estar bem situado para abordar seu objeto traz vantagens metodológicas”.

Para o autor Nichols (2009), a forma ideal para mostrar a realidade em um documentário é a entrevista

O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. Os filmes desse modo adotam o comentário como voz de Deus (o orador é ouvido, mas jamais visto) (NICHOLS, 2009, p. 142).

A entrevista leva o público que irá assistir um ar de emoção, estimulando o imaginário sobre as situações retratadas. A trilha musical é pensada nessa produção como o ponto principal, trazendo as principais músicas do festival, lembrando e mostrando ao telespectador que não conhece, com um caráter narrativo importante também. Para Nichols (2009, p. 146) “a voz do documentário não está restrita ao que é dito verbalmente, nem pelos atores sociais que representam seus pontos de vista. Ela fala por intermédio de todos os meios disponíveis, como seleção e arranjo de som e imagem”.

Com produção e cenários públicos, o documentário conta com arquivos pessoais dos entrevistados e depoimentos sobre o festival. Para a realização do trabalho, foi planejada uma série de entrevistas com fontes selecionadas que tiveram contato direto com o festival: fundadores, jornalistas, cantores, pessoas que participaram da criação e divulgação. Buscamos junto às fontes seus arquivos pessoais, como fotos, áudios e músicas do início da *Califórnia da Canção Nativa*, como forma de ilustrar o que estava sendo tratado. Também trabalhamos com a transcrição dos áudios, edição do material, finalização e divulgação.

3.2 Produção

A realização das entrevistas aconteceu em uma semana, com todos os entrevistados, separando duas entrevistas por dia, começando na segunda-feira pelo seu Colmar Duarte, idealizador do festival, e Francisco Alves, conhecedor e músico. Terça-feira, com seu Darci de Almeida pela parte da manhã e seu Lourival Araujo Gonçalves pela parte da tarde, ambos realizados nas suas residências. Quarta-feira com o músico Pirisca Grecco, pela plataforma do google meet e com o primeiro prefeito da Cidade de Lona, Antonio Augusto Brasil Carús. Na sexta-feira à tarde com o senhor Salatiel Machado e durante a realização da 44ª edição da *Califórnia da Canção Nativa* a entrevista com a instrumentista Charlise Bandeira.

Com o principal objetivo de deixar as entrevistas mais leves e menos cansativas, já que se tratava de um assunto que mexia com a memória dos entrevistados, foram realizadas algumas entrevistas com o idealizador da *Califórnia da Canção Nativa* nos locais em que o festival iniciou, no Teatro Municipal da Cidade e após a sua permanência no Parque Agrícola Pastoril. Neste local, o entrevistado concedeu uma entrevista nostálgica, em que mostrava onde aconteceram os maiores encontros de músicas nativistas. Também foram realizadas entrevistas nas respectivas casas dos entrevistados, uma de forma online pelo Google Meet – visto que uma das fontes não moravam mais na cidade de Uruguaiana. As entrevistas foram marcadas de acordo com a disponibilidade das fontes. Tudo foi realizado com muito cuidado, já que as principais fontes já tem mais de 90 anos.

Todos os áudios das entrevistas foram captados por um gravador de celular com lapela, e mediante autorização dos entrevistados, a imagem dos entrevistados

foram feitas com uma câmera profissional e mediante autorização dos entrevistados. A duração das entrevistas variou entre 45 minutos a duas horas.

A transcrição das entrevistas foi a segunda etapa para a produção do documentário. Conforme as entrevistas foram sendo realizadas, a decupagem delas também era feita. Isso para facilitar o trabalho e ajudar na hora da montagem do material. Além disso, os trechos que mais cumpriram com o propósito do trabalho foram separados. A elaboração do texto foi acompanhada pela professora orientadora e a gravação por uma equipe de apoio que ajudou na gravação e captação do áudio.

3.3 Roteiro de entrevista e gravação

A ideia inicial do documentário partiu da relação da realizadora, no qual sempre gostou dos festivais de músicas tradicionalistas, em especial a *Califórnia da Canção Nativa*. O documentário foi executado em parceria com amigos que têm uma empresa de produção audiovisual na cidade de Uruguaiana. Não fizemos nenhum script de documentário anteriormente às gravações; o script foi feito posteriormente às entrevistas, de modo que as narrativas dos entrevistados foram o fio condutor da organização da estrutura do documentário.

E, por se tratar de um documentário, o que se buscou foi estabelecer uma linha inicial para conduzir as histórias que iriam ser utilizadas. Em relação às perguntas, após um primeiro contato com o idealizador do festival, para saber um pouco mais sobre o tema abordado. Começamos a montar um pequeno roteiro para os demais integrantes, mesmo sabendo que as perguntas feitas no decorrer poderiam sofrer alguma alteração.

Conforme as histórias eram contadas, o roteiro/narrativa foi ficando mais claro e concreto. Imediatamente, depois de definir os personagens participantes, uma pequena descrição de cada um foi escrita para que cada pergunta fosse direcionada para as fontes selecionadas, separando diferentes perguntas, e deixando sempre margem para se caso outras perguntas fossem surgindo no decorrer da gravação.

Trabalhamos com a técnica de entrevista semi-aberta, com roteiro básico e adição de perguntas contextuais advindas de cada diálogo com os entrevistados. Usamos algumas perguntas como norte da entrevista com o fundador da *Califórnia* e

peças que participaram de diferentes momentos históricos importantes para o festival.

3.3.1 Roteiro básico de entrevista

Perguntas para (Colmar Duarte e Darci de Almeida)

- 1. Como e quando surgiu a Califórnia da Canção Nativa?*
- 2. Qual o propósito da Califórnia durante os seus 50 anos?*
- 3. Qual foi o seu primeiro tema?*
- 4. Como era feita a sua divulgação?*
- 5. Imaginava que o festival se tornaria o que é hoje, considerada a mãe dos festivais tradicionalistas?*
- 6. A época do ano em que acontece o festival tem um motivo?*
- 7. Quais os principais critérios para as músicas serem selecionadas?*
- 8. Quantas músicas foram selecionadas no primeiro festival?*
- 9. Qual foi a reação do público com a chegada do primeiro festival?*
- 10. Por que a escolha de o festival ser realizado na cidade de Uruguaiana?*
- 11. O pássaro que está representando no prêmio do festival tem algum significado?*
- 12. Qual a música que na sua opinião até hoje marca a Califórnia da Canção Nativa?*
- 13. Quais as mudanças percebidas no comportamento do gaúcho ao longo dos anos do festival?*
- 14. Qual o futuro do festival?*

Perguntas sobre a Cidade de Lona (Antonio Augusto Brasil Carús)

- 1. Porque a escola do nome “cidade de lona”?*
- 2. Como era a estrutura da cidade de lona?*
- 3. Qual era a duração do acampamento?*
- 4. O que o público que montava o acampamento fazia durante o festival, era realizado algum tipo de entretenimento e cultura?*
- 5. Em média quantas pessoas e barracas tinha?*
- 6. Qual era o público alvo?*

Perguntas para Salatiel Machado

- 1. Como conheceu a Califórnia?*
- 2. Quais as experiências adquiridas com o festival?*
- 3. Qual a sua lembrança mais marcante na cidade de lona?*
- 4. Como era a estrutura da cidade de lona?*

5. *Como era feita a abertura do festival ?*
6. *O que a Califórnia significou para você?*

Perguntas para Francisco Alves e Lourival Gonçalves

1. *Como era a transmissão da Califórnia?*
2. *Qual foi a reação do público com a chegada do primeiro festival?*
3. *Imaginava que o festival se tornaria o que é hoje, considerada a mãe dos festivais tradicionalistas?*
4. *Acredita que a Califórnia tenha sido um divisor de águas para a música gaúcha?*
5. *Qual a música que na sua opinião até hoje marca a Califórnia da Canção Nativa?*
6. *Quais as mudanças percebidas no comportamento do gaúcho ao longo dos anos do festival?*
7. *Era feita alguma diferenciação das canções que concorriam à calhandra de ouro?*
8. *Qual o legado que a Califórnia deixa nesses seus 50 anos de existência?*
9. *Durante esses 50 anos de festival houve alguma manifestação da população contra?*
10. *Em média, quantas pessoas frequentavam o festival?*
11. *Qual o futuro do festival?*

Perguntas para Pirisca Grecco e Charlise Bandeiras

1. *Qual sua lembrança mais marcante da Califórnia?*
2. *Se considera uma “cria” do festival?*
3. *Considera a Califórnia como de grande importância para o seu reconhecimento na música?*
4. *Acredita que a Califórnia tenha sido um divisor de águas para a música gaúcha?*
5. *Quais as suas músicas que estiveram presentes no festival e quais as premiadas?*
6. *O que a Califórnia significa para você músico?*

A entrevista é de extrema importância para a construção do atual projeto experimental. Sabemos que através das entrevistas conseguimos adquirir conhecimentos e descobrir informações sobre o tema que está sendo abordado. Para Marconi e Lakatos (2000) ela é o encontro entre duas pessoas, através do qual se pode obter informações sobre determinado assunto, por meio de uma conversa profissional.

O objetivo do estudo principal era uma pesquisa de personagens que representassem um papel fundamental no desenvolvimento da califórnia, pois estas fontes têm os dados que possibilitam a estruturação da narrativa da história que está

para ser contada pelos entrevistados. Portanto, era primordial encontrar personagens que fossem interessantes e prendessem a atenção do público e estabelecesse de alguma forma um diálogo entre si.

Tabela 2: Participantes e sua finalidade no festival

PARTICIPANTES	CARGO EXERCIDO
Colmar Duarte	Fundador da <i>Califórnia da Canção Nativa</i> de Uruguaiana.
Francisco Alves	Jornalista e conhecedor da história da <i>Califórnia da Canção Nativa</i>
Lourival Araujo Gonçalves	Conhecedor da <i>Califórnia</i> e presidente de algumas edições do festival desde os anos 80.
Pirisca Grecco	Músico e ganhador do festival
Darci de Almeida	Primeiro secretário da <i>Califórnia da Canção Nativa</i>
Antônio Augusto Brasil Carús	Primeiro prefeito da Cidade de Lona
Charlise Bandeira	Flautista
Salatiel Machado Moreira	Telespectador

Fonte: Autora, 2023.

Na tabela, vemos os entrevistados principais: idealizador do festival, dirigentes, cantores e cantoras mulheres, pois durante a análise realizada ficou nítido a falta da fala das mulheres que participaram do festival e jornalistas que de alguma forma fazem parte da *Califórnia da Canção Nativa* ao longo de suas edições.



Francisco Alves



Darci de Almeida Lopes



Colmar Duarte



Salatiel Machado Moreira



Antonio Augusto Brasil Carús



Lourival Araujo Gonçalves



Charlise Bandeira



Pirisca Grecco

A partir das falas dos entrevistados, também foi possível ir em busca de novos relatos, através de pessoas que atuavam direta ou indiretamente no festival e que conheciam sobre sua história.

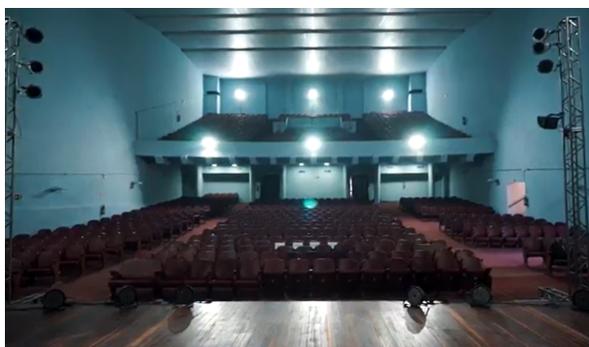
3.4 Pós- produção

Já com as entrevistas realizadas, foi possível começar a edição do material e a separação das falas que iriam entrar no documentário. Escolhemos colocar uma fala de cada entrevistado, para melhor controle do tempo. Deixamos a fala do idealizador do festival como a principal fonte. Buscamos trazer um conteúdo estruturado, com imagens que remetem ao que está sendo contado e músicas que ganharam o festival, para trazer ao telespectador que assistir um ar de lembrança e sensibilidade.

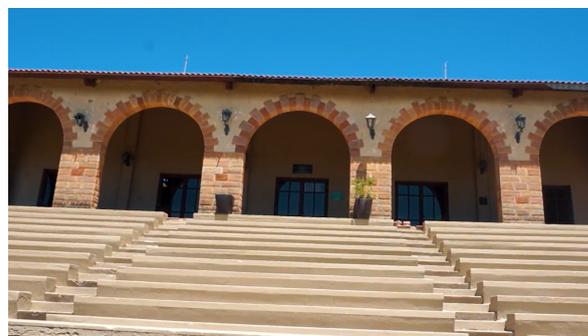
Dialogamos com o técnico de edição durante todo o processo de edição e montagem das falas, vídeos e áudios, buscando um produto moderno, mas respeitoso, que concentrasse informação e não fosse cansativo. Além disso, o documentário conta com imagens cedidas pelas fontes, imagens da internet, e músicas do festival na plataforma gratuita *Youtube*.

3.5 Locais de gravação

Durante um estudo aprofundado sobre o projeto, foi possível analisar dois locais que haviam sediado a *Califórnia da Canção Nativa*, sendo eles, o atual Teatro Municipal Rosalina Pandolfo Lisboa em Uruguaiiana no qual em 1971 era o Cinema da cidade e a PASTORIL, local esse onde o festival recebeu diversos nomes da música gaúcha.



Teatro Municipal



Parque da Associação Rural - Pastoril

Durante a elaboração do projeto, alguns dos entrevistados não estavam na cidade, portanto foi feita entrevista online pela plataforma do *Google Meet*.

3.6 Imagens e produção audiovisual

As imagens sempre dão um ar de importância e realidade para o que está sendo contado. Diante disso, buscamos trazer a clareza nas imagens que estão sendo mostradas no documentário e fazendo uma breve pesquisa de campo sobre o assunto, percebemos que, apesar da importância do festival, há poucos vídeos e fotos marcando alguns momentos da *Califórnia da Canção Nativa*. Com o intuito de mostrar algo diferente que já se ouve falar do festival, trazendo os arquivos pessoais cedidos das fontes entrevistadas.



Figura 1: 1º Califórnia da Canção Nativa/ 1971
(Ricardo Duarte, Cecília Machado, Júlio Machado e Colmar Duarte)
Foto: Arquivo pessoal.



Figura 2: Telmo de Lima Freitas na Cidade de Lona
Foto: Arquivo pessoal



Figura 3: 7º Califórnia da Canção Nativa
(Tertúlia com Leomar Kilian nas cantorias)
Foto: Arquivo pessoal



Figura 4: 9º Califórnia da Canção Nativa
Antigo Cine Pampa em Uruguaiiana
Foto: Arquivo pessoal

Além dos arquivos pessoais cedidos pelos entrevistados, foi realizada uma busca pela internet de fotos que ilustrassem o tema.



Figura 5: Dr. Henrique Dias de Freitas Lima
Foto: Agripina de Quite



Figura 6: Paixão Cortes
Foto: Rogério Bastos



Figura 7: Paixão Cortes no seu programa de rádio
Foto: Rogério Bastos



Figura 8: Vereador e Prefeito Ronnie Mello na
43ª Califórnia da Canção Nativa. Foto: Youtube



Figura 9: Cidade de Lona
Foto: Museu Estaleiro Martimiano Benites



Figura 10: Cidade de Lona
Foto: Museu Estaleiro Martimiano Benites

Com o objetivo de trazer a sensação de nostalgia e saudosismo, as entrevistas com o idealizador do festival, seu *Colmar Duarte*, foram realizadas nos locais que antigamente recebiam a *Califórnia da Canção Nativa*, no parque Pastoril, nas arquibancadas que antigamente recebia seu público para acompanhar as noites de festival e no Teatro Municipal, local que por dez anos foi palco para milhares de artistas da música nativista do Rio Grande do Sul.

Com as demais fontes as entrevistas foram realizadas nas suas residências, e com a cantora, durante a realização da 44ª *Califórnia da Canção Nativa* de Uruguaiana, que foi realizada na Concha Acústica “*César Passarinho*”

3.7 Estrutura do documentário

Neste item tratamos da escolha do tema, abertura, divisão de eixos temáticos, gravação e suporte técnico.

3.7.1 Escolha do tema

Com o intuito de fugir do habitual quando se fala em *Califórnia da Canção Nativa*, o documentário traz o diferencial desde a sua criação, com o tema que busca impactar: “*ÁGORA, onde todos iam para ouvir*”. O principal objetivo da escolha deste tema é mostrar a Califórnia da Canção Nativa e seu ideal de levar as pessoas para escutar a declamação de poesias e ouvir as belas músicas que concorrem no festival. A *ÁGORA* se refere ao ambiente, o local onde os filósofos iam para filosofar.

3.7.2 Abertura

Diante dos fatos já abordados, a abertura para esse tipo de produção teve como intuito principal trazer um resumo claro do que será mostrado durante o documentário. Com as principais imagens da *Califórnia da Canção Nativa* no Teatro Municipal da cidade, o palco principal, o Parque Agrícola e Pastoril e o monumento que está em frente ao teatro em homenagem ao festival.



Frente do teatro



Entrada do teatro



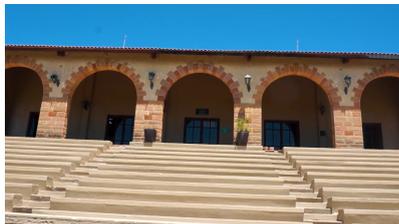
Palco principal



Vista de frente para o palco



Memória em frente ao teatro em homenagem a califórnia



Escadaria da Pastoril



Parque Pastoril vista de cima



Título do documentário

Logo após a primeira imagem da abertura, tendo as cenas dos locais em que ocorria a *Califórnia da Canção Nativa* passando na tela, trazemos o idealizador do festival, que relata como surgiu a *Califórnia* de maneira bem direta, levando ao telespectador a viajar por esses locais.

3.7.3 Divisão de eixos narrativos e ganchos da reportagem

A concepção da obra partiu em um primeiro momento mostrar a sua história, contada por pessoas que vivenciaram o festival. Porém, durante as entrevistas foi possível perceber um tom sentimental e de apego a essa memória afetiva sobre o passado vivido. Por conta disso, entendemos que era relevante dar ao documentário uma característica diferenciada para preservar as falas dos entrevistados, alguns dos quais já bem idosos, compondo um material que pode ser visto e guardado como lembrança na estante de casa, em um cantinhos especiais e nos corações daqueles que de perto viveram a *Califórnia da Canção Nativa*. Todos com uma história para contar em maior ou menor grau, mas com lágrimas nos olhos e relembando momentos importantes.

3.7.4 Gravação, custos e suporte técnico

A gravação e a captação de imagens foram realizadas pela empresa responsável *Impacto Marketing e Tecnologia*, da cidade de Uruguaiana. Yuri Lima, fez as gravações, captação de áudios e a edição do material. Ele trabalhou de acordo com os parâmetros estabelecidos pela autora deste trabalho, seguindo as propostas a ele indicadas desde o início.

Para a realização do documentário, foi utilizado uma câmera Sony nex 6, o Iphone 11 e o Iphone 14 proMax, para a gravação. E os microfones Sony em-cs3 e o REDRAGON SEYFERT GM100, para uma melhor captação de áudio e o drone phantom 3 standard, para fazer as imagens da PASTORIL do alto.

Para desenvolver nosso trabalho, o documentário "*ÁGORA: onde todos iam para ouvir*", foi utilizado apoio financeiro próprio, na divisão de custos nas despesas com equipamento, edição e transporte até os locais que foram realizadas as gravações.

3.8 Documentários utilizados como referência para organização estilística da reportagem

Para a realização deste projeto, foi necessário fazer uma pesquisa de campo em três diferentes documentários, mas que se identificassem com o tema abordado e tivessem aproximações estéticas com o trabalho aqui desenvolvido. Embora o produto documentário seja aqui desenvolvido para publicação no *YouTube*, decidimos manter um formato próximo ao de um documentário especial feito para cinema e televisão, que gira em torno de 30min a 1h 30min. A temporalidade mais estendida é comum em programas de reportagem, como o *Profissão Repórter* (KLEIN, 2012), e também em documentários fílmicos, que podem se aproximar da duração de um filme convencional. Nas grandes reportagens de TV, o recurso do tempo auxilia na preservação de contatos interativos entre repórteres e entrevistados e também permite a preservação das conversas entre as pessoas acompanhadas (KLEIN, 2012).

É o que se pode ver no documentário “Assassino da minha filha”, com 1h20min². “Democracia em Vertigem”, de Petra Costa, tem 2h de duração e “Um dia da Vida”, de Eduardo Coutinho, com 93 minutos. Estes documentários são bastante populares e referidos em sites de recomendação³. Em todos estes documentários, o tempo estendido é necessário para que haja a preservação das falas dos entrevistados, de modo a permitir que sua narrativa seja o próprio eixo de organização da trama documental. Nos filmes documentários de Eduardo Coutinho, essa estratégia é essencial para uma redução da hierarquia entre quem grava e quem conta as histórias. “Essa diferença se atenua graças ao tempo que os sujeitos têm para se desenvolver diante da câmera, de se converterem em personagens e de se assumirem a si mesmos para além de nossas preconcepções” (BERG et al. 2017, p. 16).

Este estilo prolongado de narrativa foi igualmente adotado em outros documentários recentes sobre a *Califórnia da Canção Nativa*, como detalharemos nos subitens a seguir. Ao tratar da história do festival, já duradoura, a narrativa também requer tempo para o desdobramento da conexão entre falas, dados e fatos.

² <https://aodisseia.com/o-assassino-da-minha-filha-documentario>

³ <https://www.saoluis.br/radar-sao-luis/135/3-opoes-para-assistir-e-celebrar-o-dia-nacional-do-documentario-brasileiro>

Em nosso documentário, este é o estilo escolhido, dada a possibilidade de detalhar os aspectos de rememoração de histórias e dados pelos entrevistados, além da valorização da expressão da emoção e envolvimento destas pessoas com as próprias histórias que estão sendo narradas. Entendemos que, em cidades pequenas, este tipo de produção se torna também referencial de pesquisa para escolas, instituições públicas e de preservação da memória. Com isso, a valorização das falas recolhidas no trabalho de gravação do documentário, também permite que a cidade tenha acesso à memória destes sujeitos e possa resguardar suas histórias.

3.8.1 Organização do documentário

Nas asas da Calhandra, de Leonardo Ávila, nos traz em um formato de websérie, três episódios da *Califórnia da Canção Nativa*, cada um com a diferença de 20 minutos. Mas que em cada episódio nos traz um assunto diferente a ser abordado, em um tom de jornalismo investigativo, ele se diferencia do projeto atual por não abordar a história do festival.



O canal TVE-RS, realizou um documentário sobre os 50 anos da *Califórnia da Canção Nativa* e do nativismo gaúcho. Para o documentário, foram realizadas diferentes perguntas para um número grande de fontes. O documentário aborda temas diferenciados, como o gaúcho e a sua música, o surgimento da Califórnia e outras memórias. O documentário se intitula “Nas asas da Calhandra”, com a duração de 1h20.



Material disponível de forma pública
pela plataforma Youtube



Material disponível de forma pública
pela plataforma Youtube



Material disponível de forma pública
pela plataforma Youtube

Em um terceiro documentário, realizado pela TVE, como um especial para a *Califórnia da Canção Nativa*, um grande número de fontes é entrevistado. Estas fontes contam um pouco da sua participação no festival e revelam fatos curiosos. Este documentário tem uma duração menor, com 30 minutos.



Material disponível de forma pública
pela plataforma Youtube



Material disponível de forma pública
pela plataforma Youtube



Material disponível de forma pública
pela plataforma Youtube

E, para tratar deste tipo de assunto, no qual reúne uma história já longa, a característica do documentário é de ter uma maior duração, justamente por visar a preservação da memória e do relato que vem a ser abordado.

4. Considerações Finais

O presente relatório trouxe informações técnicas e contextuais sobre o documentário “Ágora: onde todos iam para ouvir”, que trata da Califórnia da Canção Nativa, considerada a mãe dos festivais do Rio Grande do Sul. Trata-se de um produto audiovisual, com a abordagem de uma perspectiva histórica, baseada no relato com um dos fundadores do festival e estruturada a partir da inserção de outros interlocutores, que possibilitam complexificar a narrativa sobre a história do festival, desde o seu nascimento até os dias atuais.

Entendemos que este trabalho tem a importância de trazer o resgate histórico e a valorização do festival, podendo ser usado como uma ferramenta de forma didática. Ao tomarmos decisões como a manutenção de trechos maiores de entrevistas com relatos nostálgicos e memórias de histórias pessoais e coletivas sobre um tempo que passou, tivemos em mente aqueles que ainda não tiveram a possibilidade de conhecer e vivenciar a *Califórnia da Canção Nativa* e acompanhar a *Cidade de Lona*, mas que terão a oportunidade de conhecer e usar a imaginação para sonhar como era esse festival, a partir de nosso documentário. Por ter sido conhecido como o maior festival do estado do Rio Grande do Sul, a Califórnia da Canção Nativa é matéria de interesse até mesmo para escolas da cidade e da região, dado seu destaque na movimentação de pessoas, na reunião de músicos e na produção cultural regional.

Ao longo de todo o processo, visamos trabalhar com uma boa qualidade informativa e um padrão estético que permitisse que o documentário que trata de cultura também estivesse presente na abordagem do jornalismo cultural. Essa decisão marcou a escolha do uso de imagens históricas e o resgate de algumas das principais músicas que marcaram o início do festival, como *Abichornado*, que buscamos em um áudio antigo, mas que podemos pela primeira vez escutar e entender a letra, e a *Reflexão*, que abriu as portas para a Calhandra de Ouro.

Mesmo sabendo que o tema principal já tem diversas versões, e até mesmo realizado por um colega de graduação da Universidade Federal do Pampa, a diferenciação dos dois é nítida, onde um buscou mostrar em uma websérie, em três episódios, o jornalismo investigativo. Já esse tem uma forma diferente, que retrata a memória histórica do festival, contada por todos aqueles que estiveram presentes na fundação e momentos decisivos do festival.

Um ponto interessante de ser abordado, é que mesmo diante de várias fontes, tivemos uma grande dificuldade em obter respostas do segundo idealizador do festival. Por causa disso, resolvemos escutar apenas aqueles que realmente se dispôs a falar sobre o tema. Em nossa visão, tal aspecto não causa dano ao produto final, pois escolhemos alinhar a narrativa a partir desta perspectiva do fundador central, construindo um desenho autoral para o documentário.

Outro ponto que acabou dificultando a produção foi a disponibilidade de tempo para os entrevistados, principalmente aqueles que não moram mais no município e estiveram de passagem rápida na cidade apenas para a realização do festival que aconteceu no fim do mês de novembro em Uruguaiana. Mesmo diante de alguns desafios encontrados, o documentário se manteve na proposta inicial, trazendo uma memória do seu início e com seus desdobramentos ao longo dos anos.

Acreditamos que conseguimos um produto de qualidade e que concluímos com o propósito de elaborar um documentário claro e completo, com cunho jornalístico e que contribui para a formação cultural e histórica das pessoas que irão assistir. Este projeto resultou em algo mais do que um Trabalho de Conclusão de Curso, pois possibilitou um aprendizado, já que lidamos com o sonho e a memória afetiva dos entrevistados que pelo palco da *Califórnia da Canção Nativa* concorriam em busca da tão sonhada *Calhandra de Ouro*.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. Sob o signo da canção. Uma análise de festivais nativistas do Rio Grande do Sul. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 1987.

ÁVILA, L. C. Documentário **Nas Asas da Calhandra** - Parte I. YouTube, 1 de jul. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G0OH515115o&t=929s>. Acesso em: jun. 2022.

ÁVILA, L. C. Documentário **Nas Asas da Calhandra** - Parte II. YouTube, 1 de jul. de 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yRtasp_JBTY. Acesso em: jun. 2022.

ÁVILA, L. C. Documentário **Nas Asas da Calhandra** - Parte III. YouTube, 1 de jul. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iYoHYOD36OA&t=1s>. Acesso em: jun. 2022.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes [1ed. 1979], 1992.

BAPTISTA, F. Espetáculo em homenagem aos 50 anos do Califórnia da Canção Nativa relembra história do festival. **Jornal Digital Gaúcha Zero Hora**, Porto Alegre, 22 de dez. de 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2021/12/espetaculo-e-m-homenagem-aos-50-anos-do-california-da-cancao-nativa-relembra-historia-do-festival-ckxiamai8000a018861iam6y8.html>. Acesso em: 18 de out. de 2022.

BERG, J.; RAMIA, M. C.; SALLES, J. M.; ACERO, P. R. Eduardo Coutinho: Palavra e Memória. **Los Cuadernos de Cinema 23 - Memórias**, n. 12, p. 42, 2017.

DUARTE, C. **Califórnia da Canção Nativa**: marco de mudanças na cultura gaúcha. Editora Movimento, v. 48, 2001.

DUARTE, Ricardo Pereira. **Marupiaras**. Editora de Livros Viapampa, 1ª edição. Uruguiana, Rio Grande do Sul, Brasil. 2021, 185p.

Jornal Folha de São Paulo. Três questões Sobre documentário. São Paulo, 04 de mar. de 2001. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0403200102.htm>

KLEIN, E. J. da C. Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo: o caso do Profissão Repórter. **Tese** (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINUS, São Leopoldo – RS. 2012, 440p.

LIMA, H. de F. **50 Anos do Nativismo**. EXP Transmídia, YouTube, 22 de jun. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz2DYcSE0VI>. Acesso em: jul. 2022.

MAIA, M. R. Os diversos “Brasileiros” em revista. **Revista ECO-Pós**, v. 13, n. 3, 2010.

MELO, C. T. V. de. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002.

MELO, C. T. V. de.; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. In: **XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO**, set. 2001.

MUSSE, C. F.; PERNISA, M. Telejornalismo e diversidade cultural: a TV pública e a construção de identidades. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Orgs.). **VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. v. 60, 2010.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.

PINTO, J. P. **Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges**. Estação Liberdade, 1998.

PUCCINI, S. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Papirus Editora, 2022.

REDEL, C. Cinquenta anos de história: os artistas e as músicas que marcaram a Califórnia da Canção Nativa. **Jornal Digital Gaúcha Zero Hora**, Porto Alegre, 22 de dez. de 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2021/12/cinquenta-anos-de-historia-os-artistas-e-as-musicas-que-marcaram-a-california-da-cancao-nativa-cx5dme1x002n016f42n2stmv.html>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

RIBEIRO, J. As cinco décadas da Califórnia da Canção, festival que projetou grandes nomes. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 13 de jan. de 2022. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/reportagem_cultural/2022/01/828389-as-cinco-decadas-da-california-da-cancao-festival-que-projetou-grandes-nomes.html. Acesso em: 22 de set. de 2022.

RONDELLI, Elizabeth. Realidade e ficção no discurso televisivo. **Revista Letras**, v. 48, 1997.

SEIXAS, J. A. de. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, H.; NAXARA, M. R. C.; LOPES, M. A. de S. (Orgs.). **Fronteiras: paisagens, personagens, identidades**. Franca, SP: UNESP, São Paulo: Olho D'Água, 2003. p.161-183.

TOMAIM, C. dos S. O documentário como chave para a nossa memória afetiva. Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 32, n. 2, p. 53-69, 2009.

TVE RS. **Especial Califórnia da Canção Nativa**. YouTube, 11 de dez. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y_wx3jckLrQ&t=1591s. Acesso em: jul. 2022.

TVE RS. **50 anos da Califórnia da Canção Nativa e do Nativismo Gaúcho - Especial** - YouTube, 16 de dez. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_fx1RPzWWzM. Acesso em: jun. 2022.